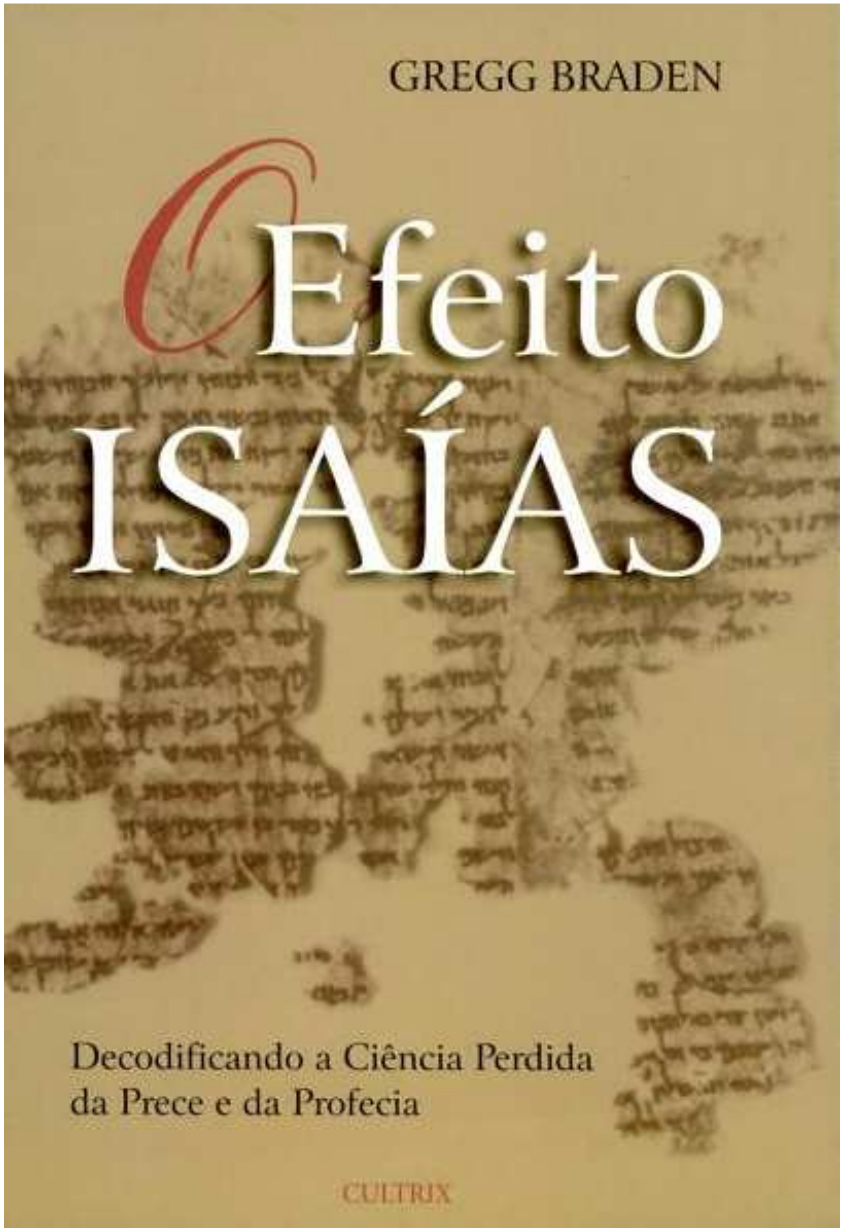

Sumário

Preâmbulo 13
Introdução 17

1. A VIDA NA ÉPOCA PROFETIZADA
A História aponta para os dias de hoje 25

2. PALAVRAS PERDIDAS DE UM POVO ESQUECIDO
Para além da ciência, da religião e dos milagres 45

3. AS PROFECIAS
Visões silenciosas de um futuro esquecido 63

4. ONDAS, RIOS E ESTRADAS
A física do tempo e a profecia 87

5. O EFEITO ISAÍAS
O mistério da montanha 109

6. O ENCONTRO COM O ABADE
Os essênios no Tibete 117

7. O IDIOMA DE DEUS
A ciência perdida da oração e da profecia 133

8. A CIÊNCIA DO HOMEM
Segredos da oração e da cura 157

9. A CURA DOS CORAÇÕES, A CURA DAS NAÇÕES
Como reescrever o nosso futuro na época profetizada 187

Últimas palavras 209
Notas 211
Agradecimentos 219

Preâmbulo

Prestei bastante atenção ao que dizia a voz no rádio, para ter certeza de que ouvira bem. Os botões luminosos que havia no painel da furgoneta nova, alugada havia apenas alguns dias, não me eram familiares e eu ainda não me acostumara a eles. Aumentei o volume para abafar o ruído do vento fustigante, prenúncio da tormenta de inverno que se tornou visível ao pôr-do-sol. Até onde a minha vista podia alcançar, na Interestadual, havia apenas sinais de luzes distantes refletidas pelas nuvens baixas. Quando estendi o braço para ajustar o espelho retrovisor, meus olhos acompanharam o asfalto que acabáramos de percorrer até que desaparecesse na escuridão que nos rodeava. Nem mesmo viamos as luzes dos faróis dianteiros que anunciariam a aproximação dos carros que estavam atrás. Estávamos sozinhos, absolutamente sozinhos, numa estrada de um condado ao norte do Colorado. Enquanto isso, eu imaginava quantas outras pessoas, no carro ou em casa, estavam ouvindo pelo rádio o mesmo que eu.

O locutor entrevistava um convidado, pedindo-lhe que revelasse o seu ponto de vista sobre o terceiro milênio e o despontar do século XXI. Pediu ao convidado, um respeitado escritor e educador, que contasse o que, a seu ver, estava reservado para a humanidade nos dois ou três anos seguintes. O rádio estalou um pouco enquanto o homem descrevia um futuro imediatamente perturbador. Confiante, e um tanto autoritário, ele expunha seu ponto de vista acerca de um colapso inevitável, de final de século, nas tecnologias globais, especialmente nas relacionadas com computadores. O enredo terrível que o convidado descrevia mostrava um futuro em que os recursos essenciais à vida, que, como sabemos, vêm se tornando escassos, acabariam por se esgotar em alguns anos ou meses. Ele mencionou também a limitação da energia elétrica, da água, do gás natural e da comida e a perda dos meios de comunicação como os primeiros sinais de um colapso nos governos locais e nacionais. O convidado prosseguiu, especulando sobre um tempo no futuro em que a lei constitucional deveria ser suspensa e a lei

A página 12 não faz parte da visualização deste livro.

marcial imposta para manter a ordem. Para completar essas terríveis situações, ele mencionou o perigo cada vez maior de doenças incontroláveis e a possibilidade de uma terceira guerra mundial, com armas de destruição em massa. E tudo isso levaria ao extermínio de aproximadamente dois terços da população mundial, *algo em torno de 4 bilhões de pessoas*, num intervalo de três anos.

Eu certamente já ouvira essas previsões ameaçadoras antes. Desde as visões dos profetas bíblicos até as profecias de Nostradamus e Edgar Cayce, nos séculos XVI e XX respectivamente, levantamento dos mares, surgimento de mares interiores e terremotos catastróficos têm sido temas constantes nas previsões para o fim do segundo milênio. Mas alguma coisa parecia diferente nessa noite. Talvez porque eu me sentisse muito só naquela estrada. Talvez porque eu soubesse que muitas outras pessoas também ouviam a mesma mensagem, transmitida para seus lares, escritórios e automóveis pela voz autoritária de um convidado invisível. Senti-me mergulhado numa gama ampla de experiências que iam desde um sentimento muito forte de desespero e lágrimas de profunda tristeza até ímpetos igualmente fortes de raiva e de fúria.

— Não! — ouvi-me falando em voz alta. — Não tem de ser da maneira como você está dizendo! Nosso futuro ainda não chegou. Ainda está se formando e ainda estamos definindo o que acontecerá.

Ao chegar no alto de uma colina, comecei a descer para um vale e o sinal receptor diminuiu. No resto da entrevista que ouvi o convidado avisava às pessoas para que "erguessem a cabeça" e se preparassem para a grande mudança. Para aqueles que viviam na miséria, à margem da sociedade, ou que ignoravam os eventos que se desenrolariam no nosso futuro, o convidado dava três palavras de advertência: "Deus os ajude!" As vozes no rádio chiavam e se desvaneciam devido à interferência na transmissão, mas o impacto de suas palavras permaneciam.

Eu conto essa história agora pois as perspectivas que se propagavam através das ondas sonoras daquela noite eram precisamente isto: *perspectivas* e não uma certeza acerca do futuro que nos esperava. Além de descrever cenas de tragédia e de desespero, os profetas antigos também previam futuros viáveis, cheios de paz, cooperação e grande prosperidade para as pessoas do mundo todo. Eles deixaram impressos, em manuscritos raros de mais de 2 mil anos de idade, os segredos de uma ciência esquecida que nos dá a possibilidade de transcender suas profecias e previsões catastróficas, além dos grandes desafios da vida, com graça. Num primeiro olhar, a ciência codificada dentro desses raros documentos pode parecer mais uma

ficção, ou ao menos um roteiro de um filme futurista. Vistos pelos olhos dos físicos do século XX, todavia, os princípios contidos nesses textos antigos trazem uma nova luz, e novas possibilidades, para o nosso papel de determinar as conseqüências do momento histórico pelo qual passamos. Fragmentos esfarrapados desses textos descrevem uma ciência perdida com o poder de dar um fim definitivo a todas as guerras, doenças e sofrimentos; iniciar uma era sem precedentes, de paz e cooperação entre governos e nações; transformar padrões climáticos de natureza devastadora; possibilitar uma existência saudável para o nosso corpo; e redefinir antigas profecias de devastação e mortandade.

As últimas descobertas da física quântica apóiam precisamente esses princípios, devolvendo a credibilidade ao papel das preces em massa e às antigas profecias. Encontrei as primeiras alusões a essa sabedoria nas traduções de textos aramaicos escritos quinhentos anos antes da época de Cristo. Os mesmos textos revelam que registros de algumas tradições secretas foram levados da terra natal de seus autores, no Oriente Médio, para as montanhas da Ásia, durante o primeiro século da nossa era, para que se mantivessem a salvo. Na primavera de 1998, tive a oportunidade de organizar um grupo de 22 pessoas para uma peregrinação até as terras altas do centro do Tibete, com o objetivo de testemunhar e confirmar a existência das tradições a que esses textos de 2 mil anos de idade se referiam. Aliada a uma pesquisa de larga escala realizada nas cidades ocidentais, nossa jornada deu ainda mais credibilidade a esses antigos lembretes do nosso poder de pôr termo aos sofrimentos de um incontável número de pessoas, evitar uma terceira guerra mundial e alimentar todas as crianças, mulheres e homens de hoje, bem como aqueles das futuras gerações. Foi apenas depois de subir até os mosteiros, localizar as bibliotecas e testemunhar práticas antigas que chegaram até os tempos modernos, que tive confiança para revelar as sutilezas dessas tradições.

Como a ciência ainda não póde descartar a relação entre os mundos interior e exterior, passa a ser mais fácil acreditar que uma ponte esquecida ligue o universo de nossas preces ao de nossas experiências. Talvez essa ligação represente o melhor que a ciência, a religião e os místicos possam oferecer, elevado a um patamar que parecia impossível até então. A beleza que há nessa tecnologia espiritual deve-se ao fato de estar ela baseada em qualidades humanas que já possuímos. No conforto de nossos lares, onde não predomina a expressão, vinda de fora, da ciência ou da filosofia, tudo o que temos de fazer é *lembrar*. Ao fazer isso, presenteamos nossa família, nossa comunidade e os que amamos com uma mensagem de vida e de

esperança que transcende as linhas do tempo. Profetas, que nos viram em seus sonhos, lembram-nos de que, ao respeitar todas as formas de vida, estamos contribuindo para a sobrevivência de nossa própria espécie e para o futuro do único lar que conhecemos.

Gregg Braden
Norte do Novo México

Introdução

Poderia existir uma ciência perdida que nos possibilitasse transcender as profecias de guerra, de destruição e de sofrimento que há muito assombram a nossa época histórica? Seria possível que, em algum lugar perdido nas brumas de nossas lembranças mais remotas, tivesse acontecido algo que criasse uma lacuna no entendimento de como nos relacionamos com este mundo e com o próximo? Se for assim, esse conhecimento que nos falta poderia impedir as maiores tragédias com que a humanidade um dia já se defrontou? Textos escritos há 2.500 anos, bem como a ciência moderna, sugerem que a resposta a essas perguntas, e a perguntas semelhantes, é um retumbante "Sim!" Além do mais, aqueles que nos precederam, na linguagem de sua época, lembram-nos de que nos legaram duas tecnologias de extrema relevância para a nossa vida atual. A primeira é a ciência da profecia, que nos possibilita vislumbrar as conseqüências futuras das escolhas que fazemos hoje. A segunda é a sofisticada tecnologia da oração, que nos dá a chance de escolher a profecia que queremos ver realizada.

Parece que os segredos das ciências perdidas eram transmitidos abertamente por sociedades e tradições do passado. Os últimos vestígios dessa sabedoria que nos foi legada perderam-se da tradição ocidental, com o desaparecimento de textos raros, no século IV. Foi no ano 325 d.C. que os elementos-chave dessa herança tão antiga foram afastados da população em geral e relegados às tradições esotéricas ou escolas místicas, às elites sacerdotais e às ordens sagradas. Na visão da ciência moderna, as traduções recentes de tais textos, como a dos Manuscritos do mar Morto e a das bibliotecas gnósticas do Egito* projetaram uma nova luz e abriram portas a possibilidades insinuadas no folclore antigo e nos contos de fadas. Apenas hoje, quase 2 mil anos depois da criação desses textos, estamos aptos para

* Os textos de Nag Hammadi, descobertos em 1945. Entre eles encontra-se o *Evangelho de Tomé*. (N. do T.)

autenticar a magnitude de um poder que vive dentro de nós, um poder verdadeiro, capaz de pôr termo aos sofrimentos e trazer para o mundo uma paz inextinguível.

Autores antigos nos legaram mensagens de esperança, descritas com as palavras de sua época. As visões do profeta Isaías, por exemplo, foram registradas mais de quinhentos anos antes do advento de Cristo. Único manuscrito descoberto intacto entre os Manuscritos do mar Morto, em 1946, o manuscrito completo do livro de Isaías foi desenrolado e montado sobre um cilindro vertical que se encontra no santuário do Museu do Livro, em Jerusalém. Por se considerar os manuscritos insubstituíveis, o local onde são exibidos foi projetado para se retrair para o interior de um cofre coberto com portas de aço, para preservá-los para as gerações futuras, na eventualidade de um ataque nuclear. Devido à época em que foram escritos, à integridade do seu texto e à natureza do seu conteúdo, podemos considerar os manuscritos de Isaías um verdadeiro representante de muitas das profecias relativas ao nosso período histórico, o que é uma oportunidade rara. Além das especificidades de eventos precisos, uma visão genérica de antigas previsões revela tramas de um tema comum. Em cada vislumbre do nosso futuro, as profecias seguem um padrão claro: descrições de catástrofes, imediatamente seguidas de uma visão de vida, alegria e oportunidade.

No mais antigo manuscrito conhecido dessa natureza, Isaías começa descrevendo uma visão que teve de possíveis futuros, pormenorizando uma época de destruição global numa escala sem paralelos. Ele descreve esse momento agourento como um tempo em que "A Terra sofre total devastação e é pela rapina saqueada (...)".[1] Essa entrevisão de uma época que estava por vir reflete muitas outras profecias de várias tradições, inclusive as de indígenas do território norte-americano como os Hopis e os Navajos, e os Maias da região do México e da Guatemala.

Nos versículos que se seguem à narrativa de devastação, as visões de Isaías mudam drasticamente para um tema de paz e de prosperidade: "Mananciais de água jorrarão no deserto e torrentes cortarão a estepe. E a terra desértica se tornará em tanques, e a que ardia em sede, em fontes de água."[2] Além disso, Isaías afirma que "os surdos ouvirão as palavras de um livro, e dentre as trevas e a escuridade verão os olhos dos cegos".[3]

Por aproximadamente 25 séculos, os estudiosos têm interpretado essas visões como uma descrição de eventos que estão por acontecer, precisamente na ordem em que estão descritos nos manuscritos de Isaías: primeiro, o tormento da destruição; depois, um tempo de paz e harmonia. É possível que essas visões de uma outra época quisessem dizer outra coisa?

Poderiam as introvisões dos profetas refletir a habilidade dos especialistas de deslizar entre os mundos de possíveis futuros para registrar suas experiências para as futuras gerações? Se assim for, os pormenores de suas jornadas poderão proporcionar uma pista importante para os tempos que ainda virão.

Refletindo as crenças dos físicos do século XX, os profetas antigos enxergavam o tempo e o curso da nossa história como um caminho que poderia ser trilhado em dois sentidos: para a frente e para trás. Eles reconheciam que suas visões simplesmente retratavam possibilidades para um dado momento no tempo, em vez de eventos que ocorreriam com certeza, e cada possibilidade se baseava nas condições das épocas profetizadas. Se as condições mudassem, o resultado de cada profecia refletiria essa mudança. A visão profética de uma guerra, por exemplo, poderia ser entendida como um futuro provável apenas se as circunstâncias sociais, políticas e militares, da época a que a profecia se refere, não sofressem uma reviravolta.

A mesma linha de raciocínio nos faz pensar que, se mudarmos o curso de ação que tomamos no momento, mesmo que de uma maneira muito sutil, poderemos redirecionar todo o nosso futuro. Esse princípio se aplica tanto às circunstâncias individuais, como a saúde e os relacionamentos, quanto ao bem-estar geral de nosso mundo. Em caso de guerra, a ciência da profecia poderia permitir que um vidente projetasse sua visão no futuro e alertasse as pessoas de sua época para as conseqüências de seus atos. Muitas profecias, de fato, vêm acompanhadas de apelos enfáticos por mudanças, num esforço para evitar o que os profetas previram.

Revelações proféticas de possibilidades remotas freqüentemente nos evocam uma analogia com caminhos paralelos, vias de possibilidade que levam ao nosso futuro, assim como ao nosso passado. De vez em quando, o curso desses caminhos parece fazer uma curva, levando um para perto do outro. É nesse ponto que os profetas antigos acreditavam que o véu que separa os mundos se torna mais fino. Quanto mais fino for o véu, mais fácil será escolher novos cursos para o futuro, mudando-se de um caminho para o outro.

Os cientistas modernos consideram com cuidado essas possibilidades, inventando nomes para os eventos em si e para os lugares onde os mundos se ligam. Na linguagem das ondas temporais, dos efeitos quânticos e dos pontos de escolha, profecias como as de Isaías assumem significados novos e reveladores. Mais do que previsões de eventos que devem acontecer no futuro, essas profecias são percepções das conseqüências de escolhas feitas no presente. Tais descrições muitas vezes nos trazem à lembrança a ima-

gem de um grande simulador cósmico, que nos permitiria testemunhar os efeitos de longo prazo de nossas ações.

Surpreendentemente semelhantes aos princípios quânticos segundo os quais o tempo é uma série de resultados diferentes e maleáveis, Isaías vai mais longe ainda lembrando-nos de que as possibilidades do nosso futuro são, na verdade, determinadas por escolhas coletivas feitas no presente. Ao tomarem juntos a mesma decisão, muitos indivíduos ampliam seu efeito e aceleram seu resultado. Alguns dos exemplos mais claros desse princípio quântico são encontrados nas orações por milagres feitas em massa; saltos repentinos que vão de um resultado futuro para a experiência de outro. No começo dos anos 80, os efeitos de preces coletivas foram comprovados por meio de experimentos controlados, feitos em áreas urbanas de grande incidência de crimes.[4,5] Por meio desses estudos, foi possível constatar o efeito localizado da prece e registrá-lo. Poder-se-ia aplicar o mesmo princípio a áreas mais amplas, como o planeta, por exemplo?

No dia 13 de novembro de 1998, terça-feira, uma oração em massa foi feita em escala mundial, como uma opção pela paz durante uma época de tensão política generalizada em muitas partes do globo. Nesse dia, inclusive, expirou o limite de tempo imposto ao Iraque para cumprir as exigências das Nações Unidas e submeter-se à inspeção de armas. Depois de meses seguidos de negociações malsucedidas para possibilitar seu acesso a áreas estratégicas desse país, as nações do Ocidente deixaram claro que, se o Iraque não cumprisse as exigências, o resultado seria uma maciça e extensa campanha de bombardeamento, planejada para destruir os supostos esconderijos desses armamentos. Uma campanha como essa certamente causaria uma grande perda de civis e militares.

Ligados por meio de uma comunidade global, a Internet, vários milhares de pessoas optaram pela paz por meio de uma prece coletiva cuidadosamente sincronizada com momentos precisos durante a noite. Durante o período de prece, ocorreu um evento que muitos consideram um milagre. Depois de trinta minutos de ataque aéreo, o Presidente dos Estados Unidos, ao receber uma carta dos oficiais iraquianos afirmando que eles iriam cooperar a partir de então com a inspeção de arma, deu uma ordem extraordinária às forças norte-americanas para que abortassem a missão.[6]

A probabilidade de um evento como esse acontecer por simples coincidência, na mesma ocasião da prece global, é pequena. Os céticos vêem a sincronicidade desse exemplo como uma "eventualidade". Contudo, em vista de tais resultados já terem sido observados anteriormente, em eventos ocorridos no Iraque, nos Estados Unidos e na Irlanda do Norte, um conjunto de provas cada vez mais extenso indica que o efeito da prece coletiva não foi apenas coincidência. De acordo com uma doutrina descoberta em textos escritos há séculos, as provas simplesmente constatam que a escolha de muitas pessoas, *concentrada de uma forma específica*, tem um efeito direto e mensurável na nossa qualidade de vida.

Embora essas mudanças nos pareçam inexplicáveis por meios comuns, os princípios quânticos admitem que elas possam ser o resultado da força interior coletiva ou da escolha do grupo. A ciência perdida da prece, que talvez tenha permanecido codificada em tradições antigas até que o pensamento contemporâneo a reconhecesse, oferece-nos hoje uma diretriz para evitar a doença, a destruição, a guerra e a morte previstas para o nosso futuro. A *escolha individual* que fazemos consolida-se na resposta coletiva que damos ao presente, com implicações que vão desde uma questão de dias a muitas gerações no futuro. Agora temos a língua para trazer essa incrível mensagem de esperança e de possibilidades para cada instante de nossa vida.

Embora a extensão completa das mais sombrias visões de Isaías já tenha passado, um número cada vez maior de cientistas, filósofos e pesquisadores acredita que estamos testemunhando hoje o prenúncio de muitos dos eventos que o profeta predisse para a nossa época. Poderiam chaves antigas como os Manuscritos de Isaías ter sobrevivido por mais de 2 mil anos com uma mensagem tão importante que não pudesse ser reconhecida até que a própria natureza do nosso mundo fosse desvendada? A disposição para levar em conta tal possibilidade pode representar o mapa de viagem que nos orientará, evitando que passemos pelo sofrimento previsto por toda uma classe de visões para o nosso futuro.

A página 22 não faz parte da visualização deste livro.

Vi um novo céu e uma nova terra...
Então, ouvi uma voz (...) dizer: (...) e a
morte já não existirá, já não haverá (...) pranto,
nem dor, porque as coisas
que os precederam já passaram.

– O LIVRO ESSÊNIO DAS REVELAÇÕES

A VIDA NA ÉPOCA PROFETIZADA

A História aponta para os dias de hoje

Por alguma razão, o homem atraiu o meu olhar assim que passei pelo corredor, deixando os sanitários e os telefones para trás. Podia ser por causa de seus trabalhos artísticos exposto na parede. Talvez fossem suas bijuterias, que pendiam modestamente da caixa feita à mão e forrada com feltro. Era mais provável, no entanto, que a causa fossem as três crianças que o rodeavam. Como eu não tenho filhos, no decorrer dos anos convenci-me de que era melhor apreciar os filhos dos outros. O mais velho deles tinha 8 anos. Observando o mais novo, haveria talvez dois anos de diferença entre um e outro. *Que crianças lindas!,* pensei, ao passar por elas no saguão do restaurante.

Eu tinha acabado de jantar com uns amigos, perto de uma cidadezinha à beira-mar ao norte de São Francisco. Porque tinha de preparar um seminário, coisa que me deixaria ocupado pelos próximos três dias, percebi que estivera um pouco distante no jantar. Do posto avançado na ponta da mesa, onde me encontrava, as conversas pareciam acontecer alheias a mim. Sentia-me como um observador à medida que os demais se punham a falar sobre suas carreiras, romances e planos para o futuro. Lembro-me de ter divagado sobre o lugar que havia escolhido. Talvez eu o tivesse feito intencionalmente para evitar a participação direta na conversa e continuar saboreando a presença de velhas amizades. Mais de uma vez, surpreendi-me

olhando pela vidraça que ficava entre mim e a maré que subia por baixo do cais. Minha mente estava concentrada na apresentação que faria na noite seguinte. Com que palavras eu deveria começar a exposição? Como faria para despertar o interesse de uma platéia, composta de pessoas de várias formações e crenças, para uma antiga mensagem de paz e de amor à vida concernente ao nosso período histórico?

– Olá, como vão as coisas? – disse o homem que estava com os filhos e as bijuterias quando eu passava por ele.

O cumprimento inesperado de um estranho trouxe-me de volta ao presente. Sorri e acenei com a cabeça:

– Bem! – respondi sem pensar. – Parece que você tem bons ajudantes – disse eu apontando para as três crianças.

O homem riu. Pouco depois, estávamos conversando sobre suas bijuterias, os trabalhos artísticos de sua mulher e sobre seus quatro filhos.

– Fui eu quem fez o parto dos meus filhos – ele disse. – Os primeiros olhos que eles viram quando vieram ao mundo foram os meus. Minhas mãos foram as primeiras a tocar os corpos deles.

Os olhos dele brilhavam à medida que contava sobre o crescimento da família. Numa questão de instantes, esse homem, alguém que eu nunca havia visto antes, descreveu-me o milagre do nascimento pelo qual ele e a mulher haviam passado por quatro vezes. Logo fiquei comovido pela sua confiança e pela sinceridade de sua voz, enquanto ia revelando pormenores de cada um dos nascimentos.

– É fácil pôr um filho no mundo – ele disse.

Fácil para você, pensei. *O que sua mulher diria se pedissem a opinião dela?* Tão logo esses pensamentos me ocorreram, uma mulher apareceu, vinda do fundo do corredor. Soube na mesma hora que eles estavam juntos. Formavam aquele tipo de casal em que um parece feito para o outro. Ela veio até nós e sorriu calorosamente enquanto passava o braço em torno do marido. Eu teria passado ao largo de sua mostra no saguão se não tivesse parado para conversar com ele. Sabendo de antemão as respostas às perguntas que eu estava prestes a fazer, eu disse logo:

– É você a mãe dessas lindas crianças?

O brilho de orgulho no olhar dela serviu de resposta, antes mesmo de suas palavras.

– Sim, sou eu. Sou a mãe de *todos os cinco*.

Com a satisfação de quem tivera o privilégio de viver ao lado de outra pessoa durante anos, ela sorriu e bateu com a ponta dos dedos no braço do marido. Logo percebi: o quinto filho era o marido. Ela segurava nos braços

o mais jovem dos quatro, um menino que aparentava 2 anos. Quando ele se debateu, a mãe colocou-o no chão de ladrilhos na entrada do restaurante. Ele foi em direção ao pai, que pegou-o no colo com um único movimento e embalou-o na curva de um dos braços. O garotinho sentou-se ereto para poder olhar diretamente nos olhos do pai e ficou nessa posição pelo resto da conversa. Era, obviamente, uma coisa que eles já haviam feito várias vezes.

– Então, é fácil ter um filho? – perguntei, ao lembrar-me em que ponto nossa conversa estava antes de ser interrompida pela chegada da mulher.

– Geralmente é – ele respondeu. – Quando eles estão prontos, não há mais nada para impedi-los. Eles simplesmente vêm!

Com o filho mais novo ainda no colo, ele se inclinou um pouco para imitar o gesto de um atleta agarrando uma bola, ou um bebê, nos braços.

Todos rimos e ele e a esposa se entreolharam. Então, um ar de tranqüilidade pairou sobre o casal e também sobre as crianças. Às vezes alguém cruza nosso caminho no momento certo, usando as palavras certas para sacudir-nos a lembrança e despertar possibilidades adormecidas dentro de cada um de nós. Acredito que, em níveis não-verbais, trabalhamos juntos nesse sentido. Na inocência do inesperado, um momento divino se desdobra. Eu sabia que aquele era um desses momentos. O homem olhou diretamente para mim. A expressão em seu rosto e o sentimento em meu coração me disseram que não importa o que viesse a acontecer, essa era a razão de estarmos juntos nesse momento.

– Normalmente não há problema – o homem continuou. – De vez em quando, porém, alguma coisa acontece. Algo vai mal.

Olhando para o pequeno em seus braços, o homem puxou o menino para mais perto de si e levantou a mão para acariciar a fronte do pequeno. Por um instante, os dois se olharam nos olhos. Fiquei comovido com a capacidade que tinham de demonstrar afeição um pelo outro, sem que eu me sentisse um estranho diante disso. Eles me deixavam fazer parte desse momento.

– Aconteceu com este aqui – continuou. – Tivemos alguns problemas com Josh.

Eu ouvia com atenção e ele prosseguia.

– Tudo estava indo bem, da maneira que devia ser. A bolsa de minha esposa se rompeu e o trabalho de parto progrediu até o ponto de ter início o nosso quarto parto feito em casa. Josh estava nascendo quando, de repente, tudo parou. Ele simplesmente parou de sair. Por alguma razão, lembrei-me de um manual de operações da polícia que eu havia lido vários anos

antes. Havia um capítulo sobre emergências de parto, com uma seção dedicada a eventuais complicações. Minha mente correu até aquela seção. Não é engraçado como as coisas certas parecem surgir em nossa mente no momento certo? – Ele sorriu um pouco tenso no momento em que a esposa aproximou-se. Quando ela colocou um braço em volta dele e da criança, eu percebi que tinham vivido uma experiência conjunta que mantinha os três unidos por um laço raro de intimidade e enleio.

– O manual dizia que, algumas vezes, durante o parto, o bebê podia ficar preso na altura do cóccix da mãe. Algumas vezes é a cabeça, outras o ombro, que fica entalado. É um procedimento relativamente simples colocar a mão lá dentro e soltar a criança. Era exatamente isso que eu acreditava que estivesse acontecendo com o Josh. Introduzi a mão e aconteceu a coisa mais espantosa. Encontrei o cóccix dela, movi a mão um pouco para cima e senti claramente a clavícula do Josh alojada na reentrância do osso. Quando eu estava quase a ponto de tocá-lo, percebi um movimento. Levou um instante para entender o que estava se passando. Era a mão do Josh. Ele estava tentando empurrar o cóccix da mãe *para se soltar*. Conforme seu braço tocou minha mão, tive uma experiência que, acredito, muito poucos pais tiveram.

Nessa altura, todos já estávamos com lágrimas nos olhos.

– A história ainda não acabou, disse a mulher com suavidade. – Continue, conte o resto – sussurrou, encorajando o marido.

– Eu chego lá – disse com um sorriso no rosto, enquanto esfregava os olhos. – Assim que o braço dele tocou minha mão, ele parou de se mover por um instante. Creio que procurava compreender o que havia encontrado. Então, voltei a senti-lo. Dessa vez, ele não estava tentando se livrar do cóccix da mãe. Dessa vez estava tentando tocar minha mão! Senti sua mãozinha se mexendo entre meus dedos. Seu toque era inseguro no começo, como se estivesse explorando. Em apenas uma questão de segundos, ele me agarrou com força. Senti meu filho, que ainda não havia nascido, envolver meus dedos com os seus, confiantemente, como se já me conhecesse! Nesse momento, eu já sabia que estava tudo bem com ele. Juntos, os três trabalhamos para trazer Josh ao mundo, e aqui está ele hoje.

Todos olhamos para o pequeno nos braços do pai. Todos os olhares pousaram nele e Josh aconchegou o rosto no ombro do pai.

– Ele ainda é um pouco tímido – disse o homem sorrindo.

– Posso ver por que ele é tão apegado a você – disse eu. – Vocês dois viveram uma bela experiência juntos.

Olhamos um para o outro, entre as lágrimas que brotavam em nossos olhos. Lembro-me de ter ficado espantado e maravilhado ao mesmo tempo e, talvez, um pouco surpreso com a intensidade daquilo por que havíamos acabado de passar juntos. Rimos todos, desfazendo um certo clima de constrangimento, sem que isso diminuísse a intensidade do que acabáramos de passar. Trocamos mais algumas palavras, abraçamo-nos calorosamente e nos despedimos.

Nunca mais voltei a vê-los. Hoje, quase três anos depois, nem mesmo sei os nomes deles. O que me restou na memória foi sua história e a franqueza e disposição com que dividiram comigo um momento íntimo de suas vidas. A honestidade deles tocou em algo muito antigo e profundo dentro de mim. Embora tivéssemos nos conhecido havia menos de vinte minutos, nós três criamos uma lembrança prodigiosa que eu mencionaria muitas vezes nos meses seguintes. Foi um daqueles momentos que dispensa explicações. Nem mesmo tentamos explicar.

A mudança das eras

Uma frase famosa dos ensinamentos de Hermes Trismegisto, considerado o pai da alquimia, afirma que as experiências do nosso cotidiano, como o nascimento de uma nova vida, por exemplo, são reflexos de eventos ocorridos numa escala muito mais ampla no cosmo. Com uma simplicidade eloqüente, essa doutrina atesta simplesmente: "Assim como é em cima assim é embaixo."* A teoria do caos, um estudo especializado da Matemática, leva a explicação além, afirmando que nossas experiências são também holográficas. Num mundo holográfico, a experiência de um elemento é refletida por todos os outros elementos dentro do resto do sistema. Como o cosmo atua holograficamente, essa doutrina pode também ser aplicada a uma experiência muito mais próxima de nós: a relação entre nosso corpo e o mundo. Conforme a família que conheci contava-me o nascimento de seu filho mais novo, não pude deixar de me lembrar da doutrina de Hermes. De repente, a história de Josh abrindo caminho para este mundo tornou-se uma forte analogia de nosso planeta dando à luz um novo mundo. As semelhanças são claras.

Se, só por um instante, pudéssemos nos imaginar chegando à Terra, vindos de um mundo onde o milagre do nascimento fosse uma experiência

* Texto da *Tábua esmeraldina*, em latim, atribuída a Hermes Trismegisto: *Quod est inferius est sicut quod est superius, et quod es superius est sicut quod est inferius*. (N. do T.)

incomum, a história de Josh nos proporcionaria uma nova perspectiva dos eventos de nossa época. Testemunhar uma vida chegando a este mundo é uma experiência maravilhosa, seja qual for a explicação que dermos a esse acontecimento. Porém, como conhecemos de antemão o resultado do trabalho de parto, de alguma forma nossos sentimentos devem ser diferentes em relação à experiência. A nossa perspectiva poderia ser diferente se não soubéssemos o que aconteceria em seguida? E se víssemos o trabalho de parto sem o privilégio de entender que uma nova vida estava vindo para fazer parte do nosso meio?

Começaríamos por ver uma mulher que evidentemente estaria sentindo dor. Suas feições se contraem em sincronia com os gemidos provocados pelo trabalho de parto. Sangue e fluidos saem de seu corpo. Para todos os efeitos, como testemunhas do trabalho de parto, veríamos precisamente os mesmos sintomas que em geral acompanham a perda de uma vida em nosso mundo. Como poderíamos saber que, desses sintomas de dor, emergirá um nascimento? Será possível que faríamos as mesmas suposições, quanto ao surgimento de um novo mundo, como alguém que não estivesse familiarizado com o trabalho de parto faria ao assistir a um nascimento humano? É precisamente esse cenário que as tradições antigas indicam que esteja se formando; somos testemunhas do nascimento cíclico de um novo mundo. Nas visões proféticas do Evangelho de Mateus, o autor na verdade usa o nascimento como uma metáfora para descrever os eventos que as pessoas de nossa época podem esperar ver: "Haverá fome e terremotos em diversos lugares. E todas estas coisas são princípios das dores de parto."

No decorrer do último quartel do século XX, os cientistas de fato documentaram fatos sem precedentes, em relação aos quais parece não haver termos de comparação. Das regiões mais remotas do centro da Terra, às próprias fronteiras do universo conhecido, instrumentos registram fenômenos que excedem em intensidade e duração as medidas tomadas anteriormente, e algumas vezes de forma descomunal. No outono de 1997, rumores de catástrofes mundiais e de mudanças sociais começaram a circular pelas revistas da Internet, e por outros meios de comunicação, relativos a esses tópicos. Os artigos descreviam uma série de eventos – gigantescos terremotos, o aumento do nível dos oceanos, uma colisão iminente de asteróides com a Terra, vírus novos e devastadores e o fim de um frágil período de paz no Oriente Médio –, cada um desses acontecimentos com potencial para provocar massacres e destruição. Muitos desses artigos descrevem fenômenos que confirmam profecias feitas há milhares de anos, relativas aos tempos de hoje. Tanto as profecias antigas quanto as moder-

nas indicam que os eventos ocorridos em 1997 marcaram o começo de um período extraordinário, do qual podemos esperar algumas mudanças dramáticas.

A linguagem da mudança

Estávamos na segunda semana do mês de julho de 1998. Minha mulher e eu acabávamos de voltar de uma longa viagem de três semanas no Tibete e cinco semanas no Peru. Costumamos empreender juntos jornadas sagradas para alguns dos locais mais primevos e isolados dos que ainda restam hoje em dia. O propósito de cada uma dessas jornadas é o de documentar exemplos claros e relevantes de uma sabedoria antiga que desapareceu no Ocidente há 1.700 anos. Ao viajar para esses lugares remotos onde os costumes vêm sendo preservados por centenas de gerações, temos a oportunidade de falar com aqueles que ainda praticam essa sabedoria. Em vez de especular sobre a validade de textos desbotados pelo tempo, ou de traduzir línguas esquecidas de muralhas de templos, falamos diretamente com os monges, xamãs e freiras dessas regiões. Por meio de guias, de intérpretes e dos nossos próprios conhecimentos da língua, fazemos perguntas específicas a respeito de práticas que tivemos o privilégio de testemunhar.

Apesar de ouvirmos sempre que possível o noticiário das grandes cidades, minha esposa Melissa e eu estivemos bastante longe do contato com o "mundo exterior" na maior parte do tempo que passamos fora. Entrei no escritório exatamente quando o fax emitiu o sinal de que chegava uma mensagem. Já havia no chão uma grande quantidade de papel emaranhado, que caíra do aparelho. Imaginei que mensagem podia ser tão urgente para nos cumprimentar no nosso primeiro dia de regresso.

Deixei as primeiras páginas caírem do aparelho, apanhei-as e comecei a alisar o papel. Havia páginas e páginas de informações colhidas numa série de instituições científicas como a NASA e a United States Geological Survey, nas principais universidades e na imprensa. Cada página vinha coberta por tabelas, gráficos e estatísticas que reportavam eventos incomuns que haviam ocorrido nos últimos meses. Aparentemente, os pesquisadores estavam me mantendo informado sobre esses eventos e aconteceu de eu entrar no escritório no preciso momento em que chegava uma nova informação.

As primeiras páginas descreviam em minúcias um evento cósmico de proporções sem precedentes. No dia 14 de dezembro de 1997, os astrônomos detectaram uma explosão nas fronteiras do universo conhecido cuja

magnitude era superada apenas pelo *Big-Bang* primordial. Conforme relataram as revistas científicas aproximadamente sete meses antes, os pesquisadores do California Institute of Technology haviam documentado uma explosão que havia durado de um a dois segundos, com uma luminosidade igual a de todo o restante do universo. Desde essa primeira explosão, várias outras de magnitude semelhante vêm sendo detectadas.

Encontrei, em seguida, relatórios de junho de 1998, quando os cientistas testemunharam dois cometas se chocando contra o Sol, um evento nunca visto ou documentado antes. Os impactos foram seguidos durante horas por uma "tremenda descarga de gás quente e energia magnética conhecida como expulsão de massa da coroa (EMC)".[3] Explosões dessa natureza são estopins de distúrbios maiores no campo magnético da Terra, provocando quedas nas comunicações e de energia em grandes áreas. Ainda está fresca na mente de muitos cientistas a lembrança de distúrbios semelhantes que ocorreram em março de 1989, causados por explosões 50% maiores do que todas as anteriores.

Os documentos que olhei a seguir mostravam em pormenores estudos realizados em abril de 1998, documentando o que muitos suspeitavam estar relacionado com o tempo e com as temperaturas extremas dos últimos anos. Pela primeira vez, uma equipe internacional confirmou que as temperaturas do hemisfério norte subiram muito mais na última década que durante qualquer outro período nos últimos seiscentos anos.[6] Além disso, estudos revelaram que um erro nos dados do satélite confundia a leitura de previsão do tempo no passado mascarando os indícios do aumento da temperatura do ar.[7] Pressupondo um aumento de temperatura como esse no hemisfério sul, cientistas da National Snow and Ice Data Center ficaram assombrados com a rapidez com que um bloco de gelo Larsen-B, de 200km^2, desapareceu das fotografias dos satélites após ter-se desprendido da Antártica. Depois de aparecer intacto no dia 15 de fevereiro, demorou onze dias para desaparecer, submergindo no mar. O relatório anunciou com preocupação que todo o bloco Larsen-B, que cobria mais de 10.000km^2, poderia "desintegrar-se num período de um a dois anos".[8] Outros Estudos foram feitos para explicar o significado de tais eventos, calculando que "o colapso do gelo antártico poderia elevar o nível dos oceanos em 6 metros".[9]

Um padrão climático irregular que começou em 1997 e é conhecido como *El Niño*, vem causando danos às colheitas, às indústrias e à vida de centenas de milhares de pessoas, em escala global. Os relatórios registram que mais de 16 mil pessoas morreram no mundo todo e que os danos estimados estão por volta de 50 bilhões de dólares. Os modelos convencio-

nais de previsão do tempo não conseguiram prever esse padrão climático, que era o resultado do desarranjo e da inversão de correntes oceânicas, antes de ele se manifestar.

Outros relatórios mostravam, por exemplo, que a descoberta feita em 1991 de novos sinais misteriosos, emitidos do centro da galáxia,[10] confirmavam que o pólo magnético norte desviou-se mais de cinco graus desde 1949-50.[11, 12] Os artigos vinham acompanhados de comentários acerca de pesquisas pioneiras sobre a aceleração e o aumento da intensidade do fenômeno. Eventos ocorridos no passado, que muitos viam como fenômenos isolados e anômalos, como as explosões solares no final dos anos 80, estavam agora sendo vistos como pedras que pavimentavam o caminho para essas recentes mostras de extremos ainda maiores. Tudo ocorreu dentro de um período de nove anos! Embora não me surpreendessem, a freqüência e o período desses eventos me assustavam. Muitos pesquisadores suspeitam que mudanças físicas extraordinárias podem representar o começo de um ciclo catastrófico de mudanças, ciclo este previsto por muitas tradições e profecias.

À primeira vista, sem um quadro de referência para dar sustentação a tais relatórios, eles nos parecem, na melhor das hipóteses, assustadores. A variedade de eventos ocorridos num intervalo de tempo tão curto parece mais do que um mero acaso ou coincidência. Qualquer um desses eventos merece por si só a atenção dos principais cientistas ou governos. O fato de que muitos deles ocorreram num período de poucas semanas indica que um outro cenário, que não é aventado pelos nossos modelos de sociedade e natureza, pode estar se descortinando.

Muitos estudiosos, leigos e profetas da atualidade acreditam que esses exemplos contundentes de extremos sociais e naturais sejam na verdade precursores de acontecimentos que confirmariam profecias de priscas datas a respeito de guerras e destruição. *As mesmas profecias contempladas em sua totalidade proporcionam, todavia, uma mensagem um tanto diferente.* Longe de assustar, antigas previsões, vistas pelo prisma de novas pesquisas, proporcionam uma perspectiva promissora de esperança e possibilidade.

A História aponta para os dias de hoje

Fiquei na espera alguns instantes até ouvir a voz do técnico da rádio ao telefone.

– Você começa o programa em três minutos; a chamada será às oito e meia.

O rádio sempre foi um bom meio de comunicação para mim. Ainda havia uma onda familiar de emoção que se propagava pelo meu corpo quando ouvia a voz do homem. Eu sabia que pelas próximas três horas, cada palavra que eu dissesse seria ouvida em estações coligadas em todo o país. Por meses, ou anos talvez, eu poderia ser citado pelas afirmações que viesse a fazer nessa noite. Ao mesmo tempo, eu sabia que a mensagem de possibilidade transmitida pela entrevista ofereceria uma perspectiva de esperança para aqueles que estivessem ouvindo. Respirei fundo para me concentrar e me preparar. O programa era ao vivo e sem ensaios. Meu primeiro pensamento foi. "Qual será a primeira pergunta que me farão?"

Como se tivesse ouvido o meu pensamento, o técnico logo voltou à linha:

– Gostaríamos de começar falando de seu otimismo. Diante de tantas previsões de calamidades para o fim do milênio, como você pode estar tão otimista em relação ao futuro do planeta?

– Bem – respondi –, vejo que começamos pela pergunta mais fácil.

Rimos, o que aliviou os últimos minutos de tensão que antecediam a transmissão. Momentos depois, a voz do nosso apresentador deu início à entrevista ao vivo. Logo começaram a surgir perguntas, feitas pelos ouvintes pelo telefone, sobre os desafios que poderiam ser esperados na passagem do segundo milênio para o século XXI. Embora as palavras variassem, havia um tema comum sublinhando cada uma das perguntas: a preocupação com mudanças que seriam catastróficas para todos no mundo. A voz de algumas pessoas que ligavam chegava a tremer quando mencionavam a visão de outras pessoas e de outras culturas relativas ao fim do século. Um velho nativo americano, de uma tribo que não foi revelada, descreveu mudanças que viriam a ocorrer no planeta e que, segundo seus ancestrais, seriam marcadas pelo último dos três "grandes abalos" sobre a terra. Esses abalos eram terremotos, alteração dos padrões climáticos e o colapso de certas formas de governo. Do ponto de vista de seu povo, as mudanças profetizadas já haviam começado.

Eu ouvia atentamente. Cada ouvinte ao telefone era preciso quanto às previsões, relatando profecias em pormenores, exatamente da maneira que eu as ouvira também. Por outro lado, as histórias eram incompletas. Nas visões daqueles que tinham vindo antes de nós, uma devastação de proporções catastróficas era apenas uma das possibilidades que vislumbravam para o nosso futuro. Muitas profecias também apontam resultados alternativos a essas possibilidades catastróficas: futuros de alegria e esperança que, contudo, pareciam visões que foram se tornando nebulosas, ou se perde-

ram completamente, à medida que as profecias iam passando de geração para geração.

O programa continuou madrugada adentro. O mediador e eu montamos cuidadosamente um quadro no qual os extremos de fenômenos naturais e sociais começavam a fazer sentido. Descrevi uma série de revelações que estavam perdidas e foram encontradas recentemente em textos pré-cristãos. Apoiado em novas pesquisas que respaldavam essas tradições, a fonte de meu otimismo logo foi se revelando. Apesar de os nossos desafios parecerem maiores a cada dia que passa, minha fé na nossa capacidade coletiva de superar os acontecimentos que nos desafiam torna-se cada vez mais forte.

O portal para os mundos interiores

Para muitos pesquisadores, os extremos, recentemente documentados em nosso sistema solar e as mudanças nos padrões climáticos, geofísicos e sociais não têm base de referência no pensamento ocidental. A formação desses pesquisadores faz com que enxerguem os eventos anômalos testemunhados pela ciência como fenômenos isolados, sem nenhuma relação entre si – mistérios sem contexto. Tradições antigas e indígenas como as dos nativos da América do Sul e do Norte, dos tibetanos e das comunidades de Qumran, do mar Morto, contudo, mostram-nos como entender esse aparente caos em nosso mundo. Os ensinamentos dessas tradições fazem com que tenhamos um ponto de vista unificado a respeito da criação, lembrando-nos de que o nosso corpo é feito do mesmo material que o nosso planeta – nada mais, nada menos.

Talvez os antigos essênios, os misteriosos autores dos Manuscritos do mar Morto, sejam os que nos vão explicar, da maneira mais clara, as ciências do tempo e da profecia e a relação que travamos com o mundo.

Apoiados por profecias modernas, esses textos de 2.500 anos indicam que eventos observados ao nosso redor refletem o desenvolvimento das nossas crenças pessoais. Documentos do século IV, conservados na biblioteca particular do Vaticano, por exemplo, fornecem pormenores dessa relação, advertindo-nos de que "o espírito do Filho do Homem foi criado do espírito do Pai Celestial, e *seu corpo, do corpo da Mãe Terrestre. O Homem é o Filho da Mãe Terrestre*, e dela o Filho do Homem recebeu o seu corpo. Tu não estás com a mãe celestial; ela está em ti e tu estás nela (...)". (grifos meus)[13]

Nas únicas palavras que conheciam, os essênios nos lembram de uma relação que as ciências modernas já confirmaram. O ar em nossos pulmões

é o mesmo que movimenta os oceanos e fustiga os desfiladeiros mais escarpados. A água que compõe mais de 98% do sangue que corre em nossas veias é a mesma água que uma vez formou os grandes oceanos e as nascentes das montanhas. Por meio de escritos de uma outra era, os essênios fazem-nos enxergar a nós mesmos como seres unidos à terra, em vez de separados dela. É de uma visão tão antiga de mundo que nos chegam dois preceitos-chave para nos orientar através dos maiores desafios de nossos tempos modernos.

Primeiro, somos avisados de que os desequilíbrios impostos à natureza se refletem nas condições internas de nosso corpo. Essas tradições vêem a falência do sistema imunológico e o crescimento de tumores em nosso organismo, por exemplo, como a expressão particular de uma falência coletiva que impede o mundo exterior de dar-nos vida.

Segundo, essa linha de pensamento nos incita a considerar terremotos, erupções vulcânicas e os padrões climáticos como espelhos de grandes mudanças que ocorrem dentro da consciência humana. É claro que, por meio de uma visão de mundo como essa, a vida se torna muito mais do que um conjunto de experiências cotidianas que ocorrem aleatoriamente. Os eventos de nosso mundo são como barômetros vivos que nos mostram o progresso de uma jornada que começamos a trilhar há muito tempo. Quando enxergamos nossas relações pelos padrões dessas sociedades e da natureza, estamos na verdade testemunhando mudanças dentro de nós mesmos. Essas perspectivas holísticas indicam que as mudanças no mundo representam para nós uma rara oportunidade de avaliar as conseqüências de nossas escolhas, crenças e valores, de modo dramático, como uma espécie de mecanismo de *feedback*. Quando reconhecemos esse mecanismo, despertamos para novas possibilidades de escolhas ainda mais amplas para nossa vida.

Essas possibilidades de cura foram conservadas em silêncio pelas tradições tribais e pelas profecias pré-cristãs, por centenas de gerações. Aos olhos daqueles que vieram antes de nós, tudo pareceria estar ocorrendo na data prevista; o tempo das grandes mudanças chegou. Se o mundo exterior reflete de fato nossas crenças e valores, é possível dar um fim às suas dores e seus sofrimentos se optarmos pela paz e pela compaixão, em nossa vida? No presente, as imagens de blocos de gelo derretendo, do aumento perigoso do nível dos oceanos, do crescimento global na atividade de terremotos e de uma terceira guerra mundial estão só começando a se formar. Se levada às últimas conseqüências, cada uma dessas imagens pode ser considerada uma séria ameaça à própria sobrevivência da espécie humana.

Ainda temos esperança, porque elas ainda não chegaram a termo. A chave para interromper esses eventos está em tempo de ser acionada: quanto mais cedo admitirmos a relação que temos com o mundo à nossa volta, mais cedo aceitaremos escolher interiormente a paz, o que se refletirá em padrões climáticos mais amenos, no restabelecimento de nossas sociedades e na paz entre as nações.

Já existem provas da existência de uma eficiente tecnologia, esquecida há muito tempo e profundamente escondida em nossa memória coletiva. Vemos cotidianamente as provas dessa tecnologia espiritual na alegria de uma nova vida e de um amor duradouro, e também nas condições que afastam a felicidade de nós. É a ciência interior que nos dá força para transcender com graça as profecias de destruição para o tempo futuro e os desafios da vida. Na sabedoria coletiva, reside a oportunidade de alcançar uma nova era de paz, de cooperação mundial, sem precedentes na história humana.

Profecia quântica numa época de esperança

Desenvolvida no começo do século XX, a ciência da física quântica contém princípios que permitem relacionar intimamente o tempo, a oração e o nosso futuro de uma forma que apenas agora começamos a entender. Entre as propriedades da teoria quântica que mais nos intrigam, encontra-se a existência de muitos resultados para um dado momento no tempo. Reminiscência da passagem bíblica "Na casa de meu Pai há muitas moradas"*, a "casa" do nosso mundo é o lar de muitas conseqüências possíveis para as condições que criamos no decorrer de nossa vida. Em vez de afirmarmos que *criamos* a nossa realidade, seria mais correto dizer que criamos, isto sim, as condições nas quais *atraímos conseqüências futuras*, já estabelecidas, no foco do presente.

As escolhas que fazemos enquanto indivíduos determinam por qual morada, ou *possibilidade quântica*, passamos em nossa vida pessoal. Como nossas escolhas individuais pertencem a categorias amplas que afirmam ou negam a vida em nosso mundo, as muitas escolhas de que dispomos fundem-se numa resposta simples e coletiva aos desafios do momento. Por exemplo, optar pelo perdão, pela compaixão e pela paz atrai futuros que refletem essas possibilidades. A beleza de nossa analogia com a frase de Hermes Trismegisto "assim em cima, como embaixo" é que está nos sendo

* João 14.2. (N. do T.)

mostrado o significado de cada escolha feita, a cada momento, pelos homens e mulheres individualmente, pessoas de todas as classes sociais e profissões. Mesmo na ausência do dinheiro ou do privilégio, todas as escolhas transmitem a mesma força e o mesmo valor. Evidentemente, orientar nosso curso através das possibilidades da vida é um processo de grupo. Num mundo quântico, não há feitos escusos e cada ação praticada por cada indivíduo conta. Vivemos no mundo que criamos juntos.

Nem as profecias antigas, nem as modernas, podem prever o futuro; estamos aperfeiçoando nossas escolhas a cada momento! Embora possa parecer que estamos caminhando rumo a uma conseqüência específica, esse trajeto pode mudar radicalmente para produzir outra conseqüência que é bastante inesperada (dentro do breve intervalo de trinta minutos, por exemplo, como aconteceu no caso ilustrativo citado, dos bombardeios sobre o Iraque). As predições proporcionam apenas possibilidades. O físico Richard Feynman, considerado por muitos como o maior inovador do novo pensamento desde Albert Einstein, falava justamente desse tipo de chave profética quando afirmou que "não sabemos como prever o que acontecerá numa dada circunstância. A única coisa que pode ser prevista é a probabilidade de diferentes eventos".[14]

Talvez as passagens mais importantes de nossos textos pré-cristãos se refiram a uma ciência perdida, conhecida hoje como *oração*. Considerada por muitos como a raiz de toda tecnologia, a oração, que é a união do pensamento, do sentimento e da emoção, representa a oportunidade que temos de expressar a linguagem da mudança em nosso mundo e em nosso corpo. Por meio de palavras de outra era somos lembrados do potencial que a oração pode trazer para nossa vida. Hoje, as pesquisas modernas, feitas em linguagem científica, chegam às mesmas conclusões.

No final dos anos 80, o efeito da oração e da meditação em massa foi documentado por estudos feitos em grandes cidades, nas quais a ocorrência de crimes violentos diminuiu de maneira mensurável devido a vigílias contínuas de paz, mantidas por pessoas treinadas para esse propósito.[15] Os estudos eliminaram a possibilidade de "coincidência", resultante de ciclos naturais, mudanças na política social ou aplicação da lei. Ao mesmo tempo que um clima de calma e de paz era criado *dentro* dos grupos de estudo, os efeitos de seus esforços eram sentidos além das paredes e edifícios que eles ocupavam. Por meio de uma rede invisível que parecia penetrar os sistemas de crenças, as organizações e os estratos sociais das cidadelas interiores, a escolha pela paz, feita no íntimo de algumas poucas pessoas, tocou a vida de muitos. Manifestava-se claramente um efeito direto do com-

portamento humano, que podia ser observado e medido, e estava relacionado com grupos que se concentravam em oração e meditação.

A mudança foi *criada* de fato por aqueles que se concentraram continuamente na paz? Ou aqueles que faziam as vigílias de paz demonstravam, em vez disso, uma outra possibilidade, com grandes implicações e apenas documentadas sob condições de laboratório? Se as teorias quânticas citadas antes estiverem corretas, então, para cada crime observado numa cidade, uma outra conseqüência é gerada no mesmo momento; e caracterizada pela ausência de crime. Os pesquisadores chamam essas possibilidades de "revestimento", uma vez que elas parecem cobrir uma realidade com a conseqüência inerente a uma nova possibilidade.

Existiria algum tipo de oração que pudesse trazer esses revestimentos para o foco do presente? Para que os experimentos acima, por exemplo, fossem possíveis, a conseqüência de paz e a conseqüência de crime teriam de coexistir *no mesmo instante*, uma vez que uma dá passagem para o foco da outra. Duas coisas ocupando o mesmo espaço ao mesmo tempo não seriam uma impossibilidade, na nossa maneira de pensar? Ou será que não?

No livro lançado recentemente, *A Verdade por trás do Código da Bíblia*,* o dr. Jeffrey Satinover relata uma nova e extraordinária pesquisa que procura esclarecer precisamente essas possibilidades. Num desses estudos, relata Satinover, dois átomos de propriedades bastante diferentes foram documentados num ato que desafia as leis da natureza como as entendemos hoje em dia. Dentro de condições normais, *os dois átomos estavam ocupando exatamente o mesmo lugar, precisamente ao mesmo tempo!*[16] Até esses estudos serem verificados, um fenômeno como esses era considerado impossível. Agora sabemos que não é. A conseqüência para nosso mundo, em qualquer momento dado no tempo, é determinada por pessoas, por máquinas, pela Terra e pela natureza. Em seus níveis mais fundamentais, nossas conseqüências são feitas de átomos. Se dois desses blocos elementares de construção do universo podem coexistir no mesmo instante, o mesmo pode acontecer com muitos átomos, resultando em muitas conseqüências. A diferença pode ser simplesmente de proporção.

Graças à linguagem sofisticada da ciência quântica, temos hoje o vocabulário necessário para descrever com precisão como contribuímos para determinar as conseqüências futuras dos nossos atos. Reconhecendo que as experiências de nossa vida são eventos situados ao longo do curso do tempo, os antigos nos revelam que, para mudar a natureza de nossa experiência, basta que optemos por seguir um novo rumo. A diferença entre essa linha de raciocínio e a suposição de pensar que criamos nossa própria realidade ao manipular a fábrica da criação é grande e, ao mesmo tempo, extremamente sutil.

* Publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1998.

A capacidade que temos de mudar o foco da nossa atenção, e não de criar ou impor mudanças ao mundo, talvez seja a antiga chave a que se referiam os grandes mestres da mudança passiva, ao longo da História. Buda, Gandhi, Jesus Cristo e aqueles que participaram da oração coletiva em novembro de 1998 constataram os efeitos dessa mudança. A física quântica acredita que, ao redirecionarmos o nosso foco – onde pomos nossa atenção –, *trazemos um novo curso de eventos para esse foco*, ao mesmo tempo que abandonamos um curso existente de eventos que pode não mais nos servir.

Talvez seja precisamente isso o que aconteceu no entardecer de novembro, durante a campanha contra o Iraque. Embora atingir objetivos políticos pela força militar possa ter sido útil no passado, podemos ter chegado a um tempo no qual essas táticas já estejam superadas. Tão estranho quanto possa parecer, a ameaça passada de destruição mútua entre potências de forças semelhantes criou, na verdade, um dos mais longos períodos de paz relativa que nosso mundo conheceu em períodos recentes. Apesar de tudo, algo mudou nessa noite de novembro. Com uma só voz, nossa família global optou por dirigir a atenção para o *revestimento* de paz, em vez de conquistar a paz por intermédio de uma solução militar. Apesar de os trinta e tantos países participantes da oração nessa noite representarem apenas uma pequena fração de nosso mundo, os efeitos foram magníficos. Nessa noite, nenhuma vida se perdeu nos ataques aéreos ao Iraque. Conquistar a paz em nossa vida poderia ser tão simples quanto um esforço harmonizado e unificado para se concentrar nela como se ela já existisse? As antigas tradições nos perguntam por que devemos tornar as coisas mais difíceis do que isso.

Reescrevendo o futuro

A membrana que separa as possibilidades futuras pode ser tão delgada que não conseguimos perceber quando a atravessamos rumo a uma nova conseqüência. O "desejo repentino", por exemplo, de nos exercitarmos mais constantemente, de mudar nossos hábitos alimentares, ou de reavaliar um relacionamento representa uma escolha nova que rompe a estrutura de um padrão presente e promete um novo resultado. Embora possamos achar

que essa escolha foi *espontânea* ou *natural*, ela nos dá a oportunidade de experimentar a possibilidade da saúde ou de uma nova relação, o que era apenas um sonho no passado. A prece é a linguagem que torna possível a expressão dos nossos sonhos, tornando-os reais em nossa vida. E se as nossas escolhas fossem feitas intencionalmente?

Agora, talvez mais do que em qualquer outra época da História, a escolha do resultado nos pertence. Uma vez que lemos as palavras, reconhecemos as possibilidades e nos expomos a novas idéias, não podemos voltar à inocência do momento anterior. Na presença daquilo que vimos, temos que dar sentido à nossa experiência. Podemos ser indiferentes em relação ao que nos foi mostrado, queixando-nos da falta de provas ou exigindo mais dados, ou podemos aproveitar a oportunidade de seguir um novo caminho. O momento em que reconciliamos cada nova possibilidade é o momento em que a magia tem início: é o momento da escolha.

À medida que o nosso mundo da à luz novas terras e massas continentais, padrões climáticos, calotas polares e alterações magnéticas são testemunhos das mudanças que ocorrem. À luz de pesquisas recentes, qual seria o potencial de se aplicar a sabedoria de 2 mil anos de idade numa escala global, para responder aos desafios do novo milênio, resultando numa transição para a saúde, a paz e a graça? O trabalho de parto já começou. A História aponta para *agora*, os últimos dias da profecia.

A página 42 não faz parte da visualização deste livro.

Tu fizeste com que eu conhecesse
Tuas coisas profundas e misteriosas.

– LIVRO DE HINOS DOS MANUSCRITOS
DO MAR MORTO

PALAVRAS PERDIDAS DE UM POVO ESQUECIDO

Para além da ciência, da religião e dos milagres

Aconteceu muito depressa. Algumas vezes, a sensação de um evento dura mais que o evento em si. Essa foi uma dessas ocasiões. Eu reproduzi a cena na minha mente muitas vezes. Em câmara lenta, eu podia perceber cada um dos quadros. Da posição segura de um observador, estudei os pormenores, buscando respostas – algo no universo dos meus conhecimentos que desse sentido àquilo que eu havia testemunhado.

Eu apenas percebera o ancião alguns momentos antes, quando cruzava o pátio do estacionamento, a caminho do restaurante à beira-mar. Eu o vira, ele e uma mulher que acreditei ser sua esposa, abrindo caminho em meio a uma pequena multidão que se aglomerava na calçada, em frente à área de recepção. Juntos, acabavam de sair pela porta de vaivém, para o ar quente e pesado de uma noite de verão na costa da Geórgia. Seu andador de aço inoxidável precedia os seus passos, assegurando-lhes a firmeza necessária para fazer alcançar o movimento seguinte.

De repente, o ritmo mudou. Inesperadamente, ele deparou-se com a guia uns quinze centímetros acima do nível da rua. Eu assisti, como se fosse em câmara lenta, seu andador balançar desequilibrado, inclinar-se para um lado e desabar sobre o asfalto, ainda quente do implacável dia de verão. O homem, agarrado à empunhadeira do aparelho, caiu sobre ele com estardalhado. Onde caiu, ficou. Imóvel. Como um observador surrealista, permaneci imóvel, na rua. Silencioso. Testemunhando.

O vento parecia importunar meus ouvidos, trazendo fragmentos dos gritos de horror da esposa do homem:

– Socorro! Por favor, ajudem-nos.

Em poucos segundos, eu estava ao lado deles, na rua. Não fui, contudo, o primeiro a chegar. A princípio, eu não percebera ninguém por perto, nem alguém se aproximando. Mas, ao lado do homem caído, já havia outra mulher agachada com a cabeça dele no colo. Havia um rastro vermelho brilhante sob a cabeça do homem. Com cuidado, ela posicionou o corpo dele sob a luz para ver de onde o sangue vertia. Sob a iluminação fraca que vinha do salão do restaurante, pude ver as dobras de sua pele, que escondiam a ferida de onde o sangue vertia.

Delicadamente, a mulher separou as dobras da pele e descobriu a ferida. O sangue tomava uma coloração estranha sob a luz de mercúrio da rua. À primeira vista, parecia outra dobra da pele. Então, percebi um ponto mais escuro, um brilho profundo, assim que ela separou as dobras. Sem dizer nada, a mulher tocou o tecido rompido e começou a acariciar a ferida como se acaricia um bicho de estimação. Olhei para o rosto dela. Seus olhos estavam fechados e ela inclinava a cabeça para o céu. Do interior do restaurante, um grupo de pessoas que vira o incidente aglomerava-se em volta de nós. Não se ouvia nada, a não ser um ou outro sussurro. A multidão inteira permanecia calada e imóvel, como se uma mensagem muda estivesse sendo transmitida. Mais tarde, nessa noite, um dos espectadores comentou que naquele momento havia sentido uma certa atmosfera de santidade. Alguém chegou a ponto de suspeitar que estava acontecendo algo sagrado.

Juntos, todos ficamos extasiados com o que vimos. Primeiro, não tínhamos certeza do que estava ocorrendo. Se, por um lado, nossos sentidos nos sugeriam uma coisa, a lógica da situação nos ditava outra. Ali, no estacionamento pouco iluminado do pequeno restaurante, testemunhei algo que a ciência moderna chamaria de milagre. Diante dos olhos de uma dúzia de testemunhas, a mulher silenciosamente tocou o corte do homem e a ferida começou a desaparecer. Em poucos instantes, a ferida estava curada, sem deixar nenhuma marca da queda há pouco ocorrida.

Alguém havia ligado para o serviço de emergência e os paramédicos chegaram em pouco tempo. Quando as luzes da ambulância apareceram piscando, a multidão começou a se dispersar para que os paramédicos pudessem penetrar no pequeno círculo onde o homem permanecia deitado. A mulher, que continuava a acariciar a cabeça e os ombros do homem, deu espaço para a equipe de emergência. Observávamos enquanto eles examinavam as marcas de sangue na camisa do homem. Rapidamente eles